

Neste conto, a autora Eunice Mendes faz uma reverência à célebre trilogia de Dante Alighieri, considerado o maior poeta italiano, que escreveu a Divina Comédia. Quem conhece a obra, sabe que ela não tem nada de engraçado, mas conta a caminhada do personagem principal que termina bem, ao contrário das narrativas trágicas. Depois de pagar seus pecados no inferno, passando pelas sutilezas filosóficas do purgatório, Dante chega ao terreno sagrado do paraíso conduzido por sua amada Beatriz.

No conto Divina tragédia humana, o sentimento de poder é personificado e nasce das entranhas da Terra, de uma força descomunal e não de um ato de amor, como a maioria dos seres humanos. Poder é adotado por pais que tentam ajudá-lo a todo custo, mas é impossível. Como profetizam as vozes da ciência e da religião, “a maldade dele é atávica, não tem cura. Só mesmo um milagre”. Cruel desde a infância até a maturidade, ele deixa um rastro profano de violência por onde passa, começando por provocar a separação do casal que o criou. Indiferente a tudo e incapaz de se emocionar por qualquer manifestação de lirismo, ele se diverte com o sofrimento alheio com o cinismo e a prepotência de quem não tem limites e não se importa com o destino.

Ao pedir à força que o gerou para fazer parte essencial da consciência dos homens, Poder amaldiçoa de uma vez por todas o destino trágico da nossa condição como sua “missão grandiosa”. A partir da sua vontade, o caos e as dores vêm transbordando pela superfície do planeta no decorrer da história. Ao contrário da saga de Dante, podemos observar o processo inverso. O personagem começa enlouquecido de alegria por causar tanta maldade. Ao plantar a discórdia eterna que dita todas as formas de ódio e de intolerância, ele provoca a incompreensão das diferenças. Depois, passa por um período em que se sente isolado diante de tantas formas de arbitrariedade que foram instituídas pela sua vontade

Nesse momento derradeiro, ele sente que foi vítima do seu próprio veneno e só lhe resta morrer da pior forma possível: vítima de si mesmo. Porém, a maldição que lançou está instaurada definitivamente nas mais diversas formas de vida, condenadas à subjugação sombria do fogo instintivo do qual ele emergiu. Poder, agora desesperado e agonizante, conhece pela primeira vez, de forma fugaz, as cores radiantes e redentoras da compaixão, imune à sua malignidade por ser divina e sagrada. Simbolicamente deitado no colo dela, ele termina a sua jornada apenas com o alívio de ter chegado ao fim. Sem glória, sem o direito de vislumbrar o paraíso como Dante e pior, sem milagre algum.

Maria Alice Carnevalli

Crítica literária, doutora em Ciências da Comunicação e licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo.